

# Holanda

Mais do que uma boa desculpa para conhecer Haia, a reabertura de importantes museus da cidade é a chance de ver – e sentir – de perto obras-primas de Escher, Rembrandt e Vermeer



# Corredor das artes

Mônica Manir / HAIA

Diga lá: o que sabemos de Haia? Talvez que Rui Barbosa ganhou ali o apelido de Águia de Haia, pelo seu discurso em defesa da igualdade dos Estados. De Roterdã, não mais que se trata do principal porto marítimo da Europa. Afinal, é para Amsterdã que vai a maior parte dos brasileiros que visita o país – quase 120 mil em 2013.

Pois Haia e Roterdã têm os seus porquês nessa rota. A primeira acaba de reabrir seu museu mais charmoso, o Mauritshuis, para o qual retornou a famosa *Moça com Brinco de Pérola*. A segunda ostenta uma criatividade impressionante na arquitetura, típica de quem precisa fazer malabarismos num país com a maior densidade populacional do continente: 488 pessoas por quilômetro quadrado.

Além disso, tanto uma quanto outra nunca perderam a majestade. Conhecida como a cida-

de da paz e da justiça, Haia é a sede do governo holandês e abriga nos seus bairros elegantes muitos membros da família real e mais de 100 embaixadas. Roterdã tem um nobre passado de reconstrução e atividade mercantil intensa. Um passeio de barco até aquele milhão de contêineres no porto dá a dimensão de que a gente mal sabe o percurso do que consome.

As duas ainda dividem uma vida noturna agitada, cafés, lojas de departamento de luxo, acolhedoras ruelas cheias de lojas e, sim, museus. Museus com o que há de melhor da Era de Ouro holandesa e do modernismo, com peças de todas as outras correntes, com investimentos na surpresa, na interatividade e na educação, nos lembrando que há mais arte no dia a dia do que sonhamos em imaginar.

A REPÓRTER VIAJOU A CONVITE DA HOLLANDE ALLIANCE



## MAURITSHUIS

# A volta dos clássicos

Não era uma pré-estreia cinematográfica, mas não deixava de ser. *Moça com Brinco de Pérola* retornava à sua casa depois de provocar filas homéricas em fãs ocidentais e orientais, gente como o 1,2 milhão de japoneses que replicaram 2,4 milhão de vezes no Facebook a emoção de ver ao vivo a inspiração do filme de Peter Webber.

Audioguia em mãos, lá fui eu e mais um tanto de espectadores ao segundo andar do Mauritshuis. Direto ao ponto, direto a Vermeer, direto ao mistério. Ao ver um naco do turbante azul, me emocionei. *Meisje met de Parel*, seu nome em holandês, me olhava de lado sobre o fundo preto, a boca entreaberta querendo dizer sabe-se lá o quê, um ponto branco em cada junção dos lábios, a sombra na maçã esquerda do rosto e um foco de luz saindo do brinco de gancho. “Parece mais prata que pérola”, pensei, meio em dúvida quanto às minhas referências de joalheria. Falando em referências, lembrei de imediato o que tinha lido sobre Vermeer: um dos raros artistas cujo trabalho transcende tempo e espaço. Transcendeu, *por suposto*. Mas o fato de Vermeer voltar a seu país deu outro tom à visita. O pertencimento fez com que

tudo se encaixasse, incluindo a reforma de € 30 milhões pela qual o museu Mauritshuis passou durante dois anos. O casarão do século 17, no centro de Haia, mudou as janelas e a climatização e transcendeu a sua imável porta-com-porta com o Parlamento holandês para a porta do vizinho do outro lado, um prédio do princípio do século 20, onde foram acomodadas oficinas e biblioteca e onde ficarão as exposições temporárias.

De acintosamente diferente no prédio original, apenas o elevador transparente que une a rua ao lobby subterrâneo, no qual estão a lojinha, a cafeteria e a nova entrada de acesso aos dois edifícios. Mudanças sutis reavivaram as paredes e o teto, e a iluminação valorizou não só a *Moça* mas todas as demais obras da Era de Ouro neerlandesa – entre elas *Lição de Anatomia*, para a qual seguiram os aficionados por Rembrandt, e *O Pintassilgo*, de Carel Frabitus, cujo interesse tem tudo a ver com o best-seller de Donna Tartt (*The Goldfinch*), vencedor do prêmio Pulitzer de 2013, que a Companhia das Letras lançou em setembro.

No livro, um menino de nome Theo sobrevive ao atentado a um museu no qual morre sua

mãe e do qual ele leva uma obra que ela amava – *O Pintassilgo*. “O quadro o arrastará para o submundo da arte”, anuncia a sinopse, sinistramente. Uma curiosidade: tente achar o *Pintassilgo* no filme de Weeber; ele está lá, contracenando com Scarlet Johansson.

**Intimista.** Não é à toa que tais pinturas atraem romancistas (o filme de Weeber se inspirou no livro de Tracy Chevalier). A diretora do museu, Emilie Gordenker, lembra que muitas obras dessa época não exigem conhecimento religioso nem mitológico. Refletem cenas do cotidiano burguês, o mundo doméstico, uma atmosfera mais íntima que, aliás, o Mauritshuis também cultiva. As salas do museu são pequenas, e você pode chegar perto do seu objeto do desejo sem pito nem apito.

Mas Emilie atina para um problema, se esse sucesso todo transbordar. Antes da reforma, diz ela, a audiência era de 260 mil visitas ao ano. Longe deles chegarem a 1 milhão de pagantes. Esse povo prima pela qualidade, não pela quantidade, pensei. Povo sensato, justo e esperto, o povo de Haia.

Mais: mauritshuis.nl; € 14

## Em jogo interativo, visitantes criam sua própria exposição

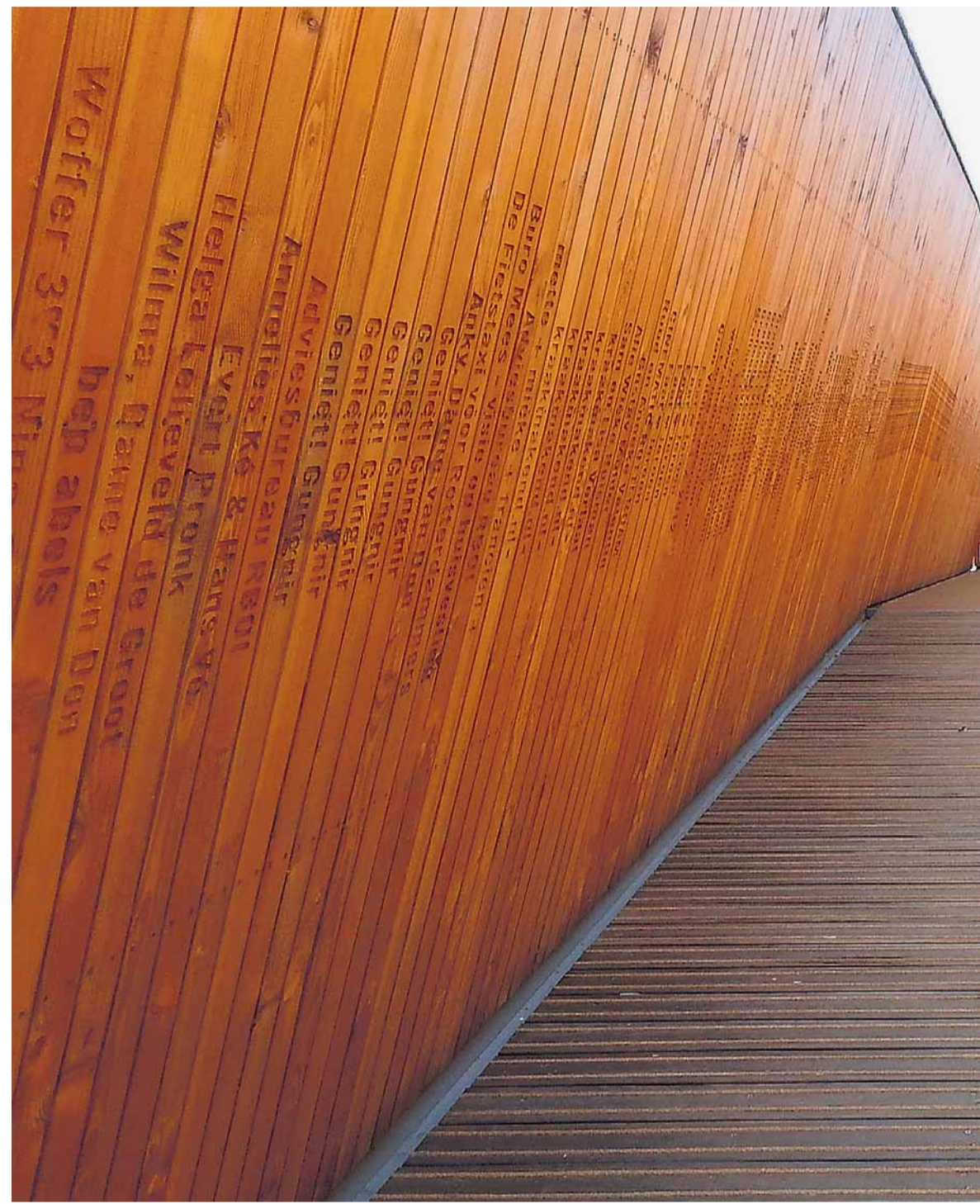
● O Gemeentemuseum (gemeentemuseum.nl; € 13,50) criou um esquema para atrair crianças e jovens a ponto de eles não implorarem para ir embora ou chafurdarem no tédio de um celular. A

mágica tem dois nomes: entrada livre para menores de 18 anos e Wonderkamers, um jogo interativo por computador.

Na última etapa, os *touchscreeners* criam a sua própria exposição. O diretor do museu, Benno Tempel, brinda com eles o sucesso da mostra – e tudo vai para um site em que as imagens podem ser compartilhadas.

A produção da garotada está

relacionada ao acervo, que concentra quase 300 trabalhos de Mondrian somados a outros intérpretes do De Stijl, a mais importante contribuição holandesa para a arte moderna. O *Victory Boogie Woogie*, por exemplo, quadro inacabado de Mondrian em homenagem a Nova York, motiva os alunos a dançarem o Boogie-woogie e conhecer *in loco*, ali do lado, o que estão vendo virtualmente.



**Cadê o corpo?** Escultura no nada tedioso Gemeente, repleto de recursos tecnológicos e obras de Mondrian

